



ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS
ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM POLÍTICAS DE SAÚDE MENTAL E
ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

**EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE E CUIDADO DE SI: reflexões
a partir da experiência**

Belo Horizonte
2025

F383e

Ferreira, Gabriel Nogueira.

Educação permanente em saúde e cuidado de si: reflexões a partir da experiência. / Gabriel Nogueira Ferreira. - Belo Horizonte: ESP-MG, 2023.

29 f.

Orientador(a): Alessandra Rios de Faria.

Artigo Científico (Especialização) em Políticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial.

Inclui bibliografia.

1. Educação Permanente em Saúde. 2. Cuidado de Si. 3. Saúde Mental.
I. Faria, Alessandra Rios de. II. Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais. III. Título.

NLM WA 495

GABRIEL NOGUEIRA FERREIRA

**EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE E CUIDADO DE SI: reflexões
a partir da experiência**

Trabalho apresentado à Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, como quesito parcial para obtenção do Título de especialista em Políticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial.

Orientadora: Alessandra Rios de Faria

Belo Horizonte

2025

Gabriel Nogueira Ferreira

**EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE E CUIDADO DE SI: reflexões
a partir da experiência**

Trabalho apresentado à Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, como quesito parcial para obtenção do Título de especialista em Políticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial.

Orientadora: Alessandra Rios de Faria

Banca Examinadora:

Prof^a. Alessandra Rios de Faria – Mestre
Universidade Federal de Minas Gerais
(Orientadora)

Prof^o Ana Regina Machado - Doutora
Escola de Saúde Pública de Minas Gerais

Helder Clério dos Santos Cardoso – Especialista
Instituto Raul Soares / Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

Belo Horizonte

2025

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho e de toda a trajetória que ele representa não teria sido possível sem o apoio, a parceria e a inspiração de muitas pessoas às quais sou profundamente grato.

Aos colegas de curso, minha sincera gratidão pela convivência, pelo apoio mútuo e pelas ricas trocas de saberes e experiências ao longo desta jornada. Aos professores e demais funcionários da Escola de Saúde Pública, agradeço pela acolhida generosa, pela escuta atenta e pelo comprometimento com a formação crítica e humanizada que nos foi oferecida.

Aos trabalhadores e usuários do CAPS II de Formiga-MG, agradeço pelas parcerias, pelas cumplicidades construídas e pelo compartilhamento de vivências que ampliaram minha compreensão e sensibilidade diante dos desafios cotidianos do cuidado em saúde mental.

Um agradecimento especial às professoras Ana Regina Machado e Alessandra Rios de Faria, pelo companheirismo, sensibilidade e dedicação ao percurso da turma.

Aos meus pais, Sérgio e Euza, e à minha irmã Ana Paula, pelo apoio constante e pela motivação ao longo da minha jornada, especialmente nos momentos mais delicados.

Ao meu filho Roque e ao meu enteado Arthur, amores que me fortalecem e renovam minha esperança no futuro, deixo todo o meu carinho.

À Paula, minha esposa, minha parceira de vida, agradeço por estar sempre ao meu lado, partilhando desejos, sonhos e desafios. Seu amor e apoio foram fundamentais para que eu pudesse chegar até aqui.

RESUMO

O presente trabalho pretende investigar as convergências entre Educação Permanente em Saúde e a perspectiva do filósofo Michel Foucault sobre o Cuidado de Si. Trata-se de uma análise teórico-prática a partir da minha experiência como trabalhador no SUS e como estudante em uma escola do SUS, cujo objetivo é analisar os princípios e pressupostos destes dois conceitos e uma possível relação entre suas perspectivas. Evidencia que a Educação Permanente em Saúde (EPS), aliada ao Cuidado de Si, atua como prática crítica e transformadora, possibilitando que os trabalhadores questionem valores instituídos e reinventem modos de cuidar e existir. Considera-se que esses processos fortalecem a autonomia, promovem resistência aos modelos biomédicos e oferecem caminhos para enfrentar o esgotamento e a alienação no trabalho em saúde mental. Assim, a EPS e o Cuidado de Si revelam-se fundamentais para o fortalecimento do SUS e das práticas pautadas na liberdade e na singularidade.

Palavras Chave: Educação Permanente em Saúde; Cuidado de Si; Saúde Mental.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the convergences between Permanent Health Education (EPS) and philosopher Michel Foucault's perspective on Care of the Self. This is a theoretical-practical analysis stemming from my experience as a healthcare worker in the Brazilian Unified Health System (SUS) and as a student at a SUS school. Its objective is to analyze the principles and assumptions of these two concepts and explore a possible relationship between their perspectives.

The work highlights that Permanent Health Education, when combined with the Care of the Self, acts as a critical and transformative practice. This combination enables healthcare workers to question established values and reinvent ways of caring and existing. These processes are considered to strengthen autonomy, promote resistance to biomedical models, and offer pathways to address burnout and alienation in mental health work. Thus, EPS and the Care of the Self prove to be fundamental for the strengthening of the SUS and for practices grounded in freedom and singularity.

Keywords: Permanent Health Education; Care of the Self; Mental Health.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASUSSAM-BH	Associação dos Usuários de Saúde Mental de Belo Horizonte
AVABRUM	Associação dos Familiares de Vítimas e Atingidos pelo Rompimento da Barragem Mina Córrego do Feijão
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CULTIVARTE	Associação de Usuários e Familiares dos Serviços de Saúde Mental de Contagem-MG
EC	Educação Continuada
EPS	Educação Permanente em Saúde
ESP-MG	Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais
GAM	Gestão Autônoma da Medicação
PNEPS	Política Nacional de Educação Permanente em Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Educação Permanente em Saúde.....	10
3. A Especialização na Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, uma experiência.....	15
4. Cuidado de Si.....	20
5. Discussão.....	23
6. Considerações Finais.....	26
Referências Bibliográficas.....	28

1- Introdução

O campo da formação em saúde tem sido historicamente marcado por uma concepção hegemônica que posiciona o aluno-trabalhador como um receptor passivo de saberes transmitidos verticalmente por um docente ou instituição detentora do conhecimento. Essa perspectiva clássica, tutelar, não considera os saberes construídos pelos trabalhadores ao longo de suas experiências e contextos de vida e trabalho, na medida em que implanta saberes já pré-dispostos, como se fossem capazes de sustentar e dar conta de corresponder a diferentes realidades e demandas.

Em contraposição a esse modelo, emerge o problema a ser discutido neste artigo, que é o pressuposto da Educação Permanente em Saúde (EPS) que, de acordo com CECCIM & FERLA (2009), é uma “*prática de ensino-aprendizagem e uma política de educação na saúde*”:

“Como ‘prática de ensino-aprendizagem’ significa a produção de conhecimentos no cotidiano das instituições de saúde, a partir da realidade vivida pelos atores envolvidos, tendo os problemas enfrentados no dia-a-dia do trabalho e as experiências desses atores como base de interrogação e mudança” (...) “Como ‘política de educação na saúde’, a ‘educação permanente em saúde’ envolve a contribuição do ensino à construção do Sistema Único de Saúde (SUS)”
(CECCIM & FERLA, 2009, s.p.)

Além de apresentar e discutir sobre a EPS, este trabalho pretende ir além somando ao debate a problematização acerca do Cuidado de Si abordada pelo filósofo francês Michel Foucault em suas obras *A Hermenêutica do Sujeito* (2006) e *Ética, Sexualidade e Política* (2012) e sua possível convergência com os processos da EPS.

Justifica-se pela minha experiência como aluno na especialização “Políticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial” da Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, uma instituição do Sistema Único de Saúde (SUS) que adota a EPS como norte pedagógico. A narrativa das minhas afetações e transformações vividas durante a trajetória formativa permitirá contextualizar a revisão que se seguirá acerca da noção foucaultiana de *cuidado de si*. Relevo também que o trabalho pode trazer novas

contribuições, por dar relevância ao campo da formação e da saúde mental não só dos usuários, mas do trabalhador.

Nesta conjuntura, o presente artigo propõe-se a explorar a relação entre a Educação Permanente em Saúde e o conceito de Cuidado de Si, tal como trabalhado pelo filósofo Michel Foucault. A hipótese a ser explorada é que, considerando os princípios e pressupostos da EPS e Cuidado de Si, é possível pensar que há convergência entre essas duas perspectivas.

Ressalta-se a importância de que tanto trabalhadores quanto gestores invistam e apoiem ativamente os processos de Educação Permanente em Saúde e os intrínsecos exercícios do Cuidado de Si nos serviços de saúde mental. Ao promover espaços de reflexão crítica, troca de saberes e o protagonismo dos profissionais, a EPS e o Cuidado de Si se tornam ferramentas fundamentais para a construção de um cuidado autêntico e significativo, além de contribuir para a consolidação do SUS, das práticas antimanicomiais e a promoção da saúde dos usuários e dos próprios trabalhadores.

2 - Educação Permanente em Saúde

A ideia hegemônica de formação concebe o aluno como uma tábua rasa e os docentes verdadeiros possuidores e detentores do saber. Nessa perspectiva, há uma evidente separação entre alunos e professores, estabelecidos numa relação hierárquica. De um lado, os professores que transmitem seus saberes e conhecimentos; por outro, os alunos que recebem, passivamente um pacote de conteúdos pré-determinados. Essa é a chamada formação hegemônica, clássica, tutelar que, para HECKERT & NEVES (2007, p.25), trata-se de uma *“concepção que postula a aprendizagem como ação que se dá entre um sujeito e um objeto já dado a priori”*, acarretando numa dicotomia entre emissores e receptores que, segundo elas, anula o protagonismo dos sujeitos, descontextualiza as práticas de formação de suas realidades sociais, políticas e culturais, além de homogeneizar ações de formação desconectando técnica e política.

Uma formação destituída de seu caráter de produção social, econômica e cultural, está atrelada a uma lógica de consumo típica das sociedades neoliberais, funcionando como oferta de kits de conhecimento, informações e técnicas aplicáveis e desenvolvimento de habilidades descartáveis e apartadas do cotidiano dos serviços. (HECKERT & NEVES, 2007).

Temos aqui, portanto, um modo de formação clássica, oferecida de fora para dentro, de cima para baixo, por um emissor que possui um saber já dado aos receptores, que por sua vez, não possuem um saber adequado. Podemos associar essa figura do emissor ao do *expert*, que baseado em BAREMBLITT (1992), são os conhecedores das estruturas e dos processos da sociedade:

“Esses conhecedores têm-se colocado, em geral, a serviço das entidades e das forças que são dominantes em nossa sociedade” (...) “Essa situação, em que os ‘sábios’, os conhecedores da estrutura e do processo da vida social estão predominantemente a serviço do Estado e das empresas, tem tido como consequência que os povos – em sentido amplo, a sociedade civil – têm-se visto despossuídos de um saber que tinham acumulado através de muitos anos acerca de sua própria vida, de seu próprio funcionamento. Esse saber, criado e acumulado pelas comunidades sociais durante tantos anos de experiência vital, a partir do surgimento do saber científico e tecnológico, fica relegado, colocado em

segundo plano, como se fosse rudimentar e inadequado”.
(BAREMBLITT, 1992, pp. 14, 15).

Consentir esse saber-poder transmitido por professores/emissores a serviço dos interesses do Estado e das empresas neoliberais corre o risco de os alunos-trabalhadores reproduzirem esse lugar do *expert* em seus processos de trabalho, disseminando cada vez mais a deslegitimação dos saberes coletivos e comunitários.

Por muito tempo, o modelo da formação clássica e hierárquica, definiu os modos de formar e de intervir através das políticas de educação e saúde no Brasil. Denominada Educação Continuada - EC, configura-se como uma continuação do exemplo escolar, *“centralizado na atualização de conhecimentos, por meio da transmissão de saberes, na maioria das vezes pontual, desarticulada do contexto, da participação coletiva e controle social, caracterizando-se como estratégia de capacitação por ter pautas temporárias”*. (REZIO et al, 2020, p.5). A EC determina os conhecimentos que devem ser consumidos e aplicados como universais capazes de dar conta de toda a complexidade das demandas dos serviços e da população. FIGUEIREDO et al (2022, p. 1.168) atribui às políticas de educação continuada *“uma força que vem de fora, que exerce no corpo do trabalhador a ideia de um 'dever de', constrangendo-o na sua capacidade de criar”*. Essa hierarquização, segundo os autores, delimita quais saberes são menores ou maiores, mais importantes ou menos importantes, minando os trabalhadores em sua capacidade de pensar, sentir e agir no trabalho, pois, uma vez que o saber já está finalizado, pronto para ser utilizado, o que resta é repetir, reproduzir, obedecer.

Diferente do modelo tradicional, temos a Educação Permanente em Saúde - EPS, uma política de ensino e aprendizagem que rompe a dicotomia entre emissores e receptores, dilui hierarquias entre os participantes, prezando a experiência da coletividade na produção do conhecimento. Neste sentido, não há um saber pronto a ser encomendado e implantado a um determinado coletivo ou realidade, porém, um saber que será produzido a partir das experiências, diálogos e implicações deste próprio coletivo, ou seja, um aprendizado que será construído conforme suas necessidades, questionamentos e afetações vivenciadas no cotidiano do trabalho. Na contramão da perspectiva da EC, FIGUEIREDO et al (2022, p. 1.169), vão dizer que na EPS *“o aprender não é um processo de aquisição de um dado saber, mas um processo de produção de vida, de produção de encontros, de produção de intensidades e*

subjetividades no trabalho”. Sendo assim, distintamente da EC, a EPS deve ser o lugar da invenção, da problematização, da reflexão coletiva, das afetações, da intercessão dos saberes. (FIGUEIREDO et al, 2022).

Importante destacar que a EPS foi implantada no Brasil como política do Ministério da Saúde através da Portaria nº 1.996 de 2007. De acordo com a portaria, EPS *“é aprendizagem no trabalho, onde o aprender e ensinar se incorporam ao cotidiano das organizações e ao trabalho e se baseia na possibilidade de transformar as práticas profissionais”* (on-line). Entendida como aprendizagem-trabalho, a portaria elucida que a EPS *“acontece a partir das questões e adversidades na realidade vivida e leva em consideração as experiências que as pessoas possuem neste contexto”* (on-line). Conforme o documento, a proposta é que os trabalhadores da saúde *“questionem seus processos de trabalho para que possam assinalar necessidades reais de formação e consequentemente, desenvolverem ações embasadas nas demandas concretas de saúde das pessoas e populações”* (on-line). Alinhada aos princípios do SUS, à Atenção Integral à Saúde, a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde - PNEPS *“é uma ruptura com a lógica da compra e pagamento de produtos e procedimentos educacionais”* (on-line) que, como mencionado acima nada condiz com os múltiplos contextos sociais e políticos espalhados pelos territórios brasileiros. (BRASIL, 2007, on-line).

Em HECKERT & NEVES (2007), encontramos essa concepção da ruptura relacionada aos modos de formar e de intervir da EPS. As autoras deixam claro o que seria essa formação disruptiva:

“o que buscamos potencializar nos processos de formação são as formas de ação que produzem movimentos afirmadores da vida, que fomentam contágios e perturbação nos processos instituídos. De fato, o que visamos é a força de intervenção dos processos de formação como dispositivos potentes de problematização de si e do mundo” (...) *“estamos nos referindo a um processo de formação em saúde como possibilidade de produzir novas normas, novas formas de vida/trabalho” (...)* *“O que se pretende é afirmar uma prática de formação 'impiedosa' que não busca observar uma trajetória, mas nela intervir produzindo desvios, desnaturalizando o que parece confortável”*. (HECKERT & NEVES, 2007, p.18)

Afirmar a vida, fomentar contágios e perturbações nos processos instituídos, criar desvios, desnaturalizar saberes e práticas que, de alguma maneira, parecem confortáveis é um grande desafio. Eis o motivo de a EPS estar ligada a um processo de desacomodação, de problematização, de desconforto. Segundo CECCIM (2005), condição fundamental para mudanças da prática e dos conceitos é a *“detecção e contato com os desconfortos experimentados no cotidiano do trabalho, a percepção de que a maneira vigente de fazer ou de pensar é insuficiente ou insatisfatória para dar conta dos desafios do trabalho”* (p. 165). Ainda de acordo com o autor:

“(...) esse desconforto tem de ser intensamente admitido, vivido, percebido, pois para ele, é a vivência e/ou a reflexão sobre as práticas vividas é que podem produzir o contato com o desconforto e, depois, a disposição para produzir alternativas de práticas e de conceitos para enfrentar o desafio de produzir transformações”. (CECCIM, 2005, p. 165).

Essa pedagogia da problematização, cerne do processo educacional da EPS, que consiste em refletir sobre o trabalho, identificar e caracterizar as situações problema que dele emergem (CAVALCANTI & GUIZARDI, 2018), implica também, para além de um questionamento sobre os processos de trabalho, em produzir auto-interrogação de si mesmo no agir produtor do cuidado, colocar-se ético-politicamente em discussão, no plano individual e coletivo, do trabalho. (CECCIM, 2005). Concerne a um olhar para si num contexto de troca de ideias, de sensações, palavras e materiais significativos que propiciam nos sujeitos a capacidade de se ver no outro e no coletivo. (REZIO et al, 2020). É justamente esse *“processo autoanalítico”*, intrínseco aos movimentos de EPS que vai gerar na equipe as condições para cuidar de si e do outro:

“Essa é a condição indispensável para que os trabalhadores produzam o cuidado de si mesmos, no cuidar dos outros e coloquem em análise as suas implicações” (...) “E isso diz respeito a um ‘olhar para si’, mas mais do que isso, significa montar e desmontar mundos” (...) “O trabalhador da saúde que não faz esses movimentos” (...) “tende a permanecer aprisionado na plataforma organizacional que conduz a

produção do cuidado pelas linhas do instituído” (...) “Endereçando esse processo autoanalítico é que vem a Educação Permanente em Saúde. Olhar para o dia a dia, no mundo do trabalho, e poder ver os modos como se produzem sentidos, se engravidam palavras com os atos produtivos, tornando esse processo objeto da própria curiosidade, vendo-se como seus fabricantes e podendo dialogar no próprio espaço do trabalho, com todos os outros que ali estão, não é só um desafio, mas uma necessidade para tornar o espaço da gestão do trabalho, do sentido do seu fazer, um ato coletivo e implicado, a serviço da produção de mais vida individual e coletiva”. (FEUERWERKER, 2014, p.103).

Perpassado as noções relacionadas aos modelos de formação, a primeira sendo considerada tutelar, tradicional, hierárquica, peculiar à Educação Continuada, que desvaloriza os diálogos horizontais entre os sujeitos, com seus afetos, singularidades, saberes acumulados e contextos sócio-históricos; e a segunda, conhecida como Educação Permanente de Saúde, vista como um movimento educativo movido pelo trabalho, caracterizado por processos de aprendizagem, de problematizações e questionamentos nos planos individuais e coletivos, diálogos horizontais, afetações mútuas entre os trabalhadores que, por sua vez, tornam-se agentes capazes de engendrar novas formas de ver, pensar e agir no cotidiano do serviço. Se, na Educação Continuada, o trabalhador é um mero receptor de normas, regras e condutas, ocupando, então, um lugar de submissão diante o instituído, na EPS o trabalhador assume o lugar de protagonista, sendo assim, capaz de reavaliar normas e condutas estabelecidas a partir dos questionamentos, sensações, trocas de angústias e experiências vividas de forma coletiva no trabalho.

3 - A Especialização na Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, uma experiência

Neste momento, farei um breve relato sobre a minha experiência como aluno na especialização “Políticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial” da Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais – ESP/MG, uma escola do SUS que tem a Educação Permanente em Saúde como um orientador político pedagógico de suas ações educacionais. As afetações e construções daí advindas me proporcionaram um novo jeito de olhar, fazer e viver o trabalho. Além dos conceitos e operadores do paradigma da Atenção Psicossocial, bastante discutidos em aula e fundamentais para a produção do cuidado em liberdade, ouvi e me contagiei com as diversas experiências profissionais dos colegas em suas práticas cotidianas. Essas trocas mobilizaram-me a uma postura inventiva na elaboração de novas ideias, desejos e mobilizações, além de uma maior abertura para uma multiplicidade de encontros, eventos e ações que agitam o cenário mineiro da Luta Antimanicomial. Mas, antes de apresentar essa experiência, gostaria de comentar um pouco sobre a minha trajetória como trabalhador na saúde mental do SUS.

Em 2013 iniciei minha primeira experiência como psicólogo na área da saúde mental no Centro de Atenção Psicossocial – CAPS II do município de João Monlevade-MG. Foram 1 ano e 10 meses de trabalho onde pude conhecer vários profissionais e usuários interessantes. Com eles, fiz amizades, parcerias, projetos, e pude adquirir muita experiência e aprendizado. Sou muito grato a todas as pessoas com as quais convivi durante esse tempo no *Sésamo*, tal como é conhecido o CAPS II em João Monlevade, pois, importante lembrar, houveram também momentos de muita angústia, dificuldades, inseguranças, equívocos, porém, tive a sorte de ter ao lado profissionais extremamente implicados com o trabalho, com os princípios do SUS e com a Reforma Psiquiátrica. Esses companheiros de jornada me ajudaram bastante a lidar com os desafios do trabalho. Quantas discussões e conversas tivemos durante as reuniões em equipe! Mas confesso, as melhores aconteceram fora do espaço da reunião: na cozinha; nos corredores; nos bares ou confraternizações; nas reuniões do Fórum Mineiro de Saúde Mental, que regularmente, participávamos, ou até mesmo, nos trajetos de ida e volta do trabalho.

Em 2015 retornei para Formiga-MG, minha cidade natal, e me integrei à equipe do CAPS II. Já era um serviço que eu tinha um certo vínculo, pois durante a minha graduação realizei dois estágios curriculares no local. Então, parte dos profissionais e

usuários que compunham o ambiente eu já conhecia, inclusive, amigos de graduação, o que favoreceu para a minha adaptação no novo trabalho.

Neste ano de 2025 faz uma década que atuo no CAPS II de Formiga-MG. Não pretendo contar toda a trajetória percorrida até aqui, mas sim, narrar alguns pontos, ou melhor, descrever e localizar uma cena que antecede a minha inserção no curso de especialização da ESP-MG.

A cena ao qual me refiro é de um período de indecisão quanto ao meu destino na Saúde Mental. Eu já estava aproximando dos dez anos de atuação no CAPS e ao longo do tempo, pensava comigo mesmo e até com alguns colegas, que trabalhar no mesmo serviço por mais de dez anos seria algo inviável, estranho, difícil, monótono, enjoativo. Sentia no âmago que era necessário pensar a possibilidade de uma experiência nova, de explorar outros desafios e empreendimentos. Um deles era fazer um curso de licenciatura em Filosofia para dar aulas nas escolas. Sempre me interessei pelos pensamentos dos filósofos Baruch Spinoza, Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Gilles Deleuze. Então, juntando o útil ao agradável, essa ideia significava uma resposta para as minhas dúvidas quanto ao meu futuro como profissional fora do campo da saúde mental. Decerto, a angústia transbordava. As dificuldades, os problemas, a rotina, as lacunas do serviço, o sofrimento das pessoas, o meu sofrimento, os terríveis retrocessos no SUS causados pelo governo anterior começaram a ficar cada vez mais pesados.

Pois é, quantas vezes nos sentimos desmotivados, apáticos, repetitivos, estagnados no ambiente de trabalho, dominados pelo cansaço, impotentes diante as faltas, obstáculos e lacunas? Quantas vezes nos sentimos desanimados diante os impasses e os grandes desafios que a lógica manicomial ainda insiste em nos atravessar mediante a ambulatorização, a psicopatologização e medicamentação da vida, o avanço das comunidades terapêuticas e a judicialização dos casos clínicos? E quantas vezes nossa criatividade e entusiasmo diminuem com a ausência de implicação e engajamento antimanicomial por parte de alguns colegas do serviço e da rede? Eu estava muito cansado e queria respirar novos ares. Pesquisei algumas graduações em Filosofia e me inscrevi em um curso de educação à distância. Nesse ínterim, deparei com a publicação do edital da ESP-MG convocando trabalhadores da Rede de Atenção Psicossocial a um processo seletivo para a nova turma de especialização “Políticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial”. Imediatamente fiquei instigado pela oportunidade. Lembrei que havia tentado, sem sucesso, uma vaga no processo seletivo anterior, mas tive uma repentina sensação que se tratava de uma grande chance, quem

sabe, para um recomeço e redescoberta, pois, o antigo desejo havia sido reativado. Além do mais, a ESP-MG sempre me chamava a atenção por ser uma referência de formação voltada para os trabalhadores do SUS, almejando sempre a defesa e o fortalecimento das políticas públicas de saúde no país, tão urgentes na atualidade. Eu precisava dessa injeção de vida! Sim, “ESP” de esperança sinalizou e uma nova força começou a circular em mim. Foi a partir daí que comecei a acreditar que seria possível trabalhar por mais longos anos na Saúde Mental.

Para minha alegria fui aprovado no processo seletivo e em outubro de 2023 me ingressei no curso de especialização “Políticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial” da ESP-MG, iniciando, assim, uma nova etapa da minha vida, com esperança e energias renovadas para novos planos no campo da Saúde Mental.

Na aula inaugural do curso, conduzida por Miriam Abou-yd, integrante do Fórum Mineiro de Saúde Mental, fui tomado por uma série de ideias e sensações que variavam entre a coragem, o entusiasmo, o desejo, a luta e sobretudo, conexão. Éramos 43 trabalhadores do SUS e 2 conselheiros de saúde atuantes na Rede de Atenção Psicossocial de todos os cantos da imensa Minas Gerais, sendo assim, uma turma constituída por uma rica diversidade, marcada por gentes de variadas cidades, sotaques, culturas, realidades e experiências profissionais.

Um ponto que achei interessante desde os primeiros encontros foi o modo como os professores conduziam as aulas, estimulando a turma para uma livre troca de experiências, sempre em conexão com o dia a dia do nosso trabalho. Éramos, continuamente, incentivados a compartilhar situações do nosso cotidiano a partir do modo como os conceitos e conteúdos apresentados nos afetavam. Logo, experimentávamos uma liberdade no dizer, no falar e no escrever. Não havia receio pelo certo e errado, pois o que importava eram as expressões vivas das nossas vivências que, ao serem trocadas durante as aulas, criavam ressonâncias, convergências e divergências, provocações, choques, tensões, medos, inseguranças, conflitos, desconfortos, colocando o pensamento e os afetos em movimento. Essa pluralidade de lugares, de falas, de realidades, viabilizava uma composição de saberes e práticas, e era justamente essa amálgama maquinada pelo coletivo que fazia acontecer o ensino e aprendizagem. Por conseguinte, quem ensinava não era propriamente o professor, mas o coletivo engrenado pelos encontros. Ouso dizer: a aula era feita por todos. Aprendíamos uns com os outros. A hierarquia professor-aluno já não fazia mais nenhum sentido e se dissolia na imanência da coletividade. No entanto, os docentes, que, vale dizer, são ou foram

trabalhadores da Saúde Mental no SUS, exerciam uma função fundamental para o processo, que era a do intercessor, isto é, aquele que facilitava os processos criativos.

Mas os processos de ensino e aprendizagem não se encerravam, sem dúvida, nos espaços da instituição. Se são os encontros que propiciam o conhecimento, esses, por sua vez, extrapolavam o território estabelecido da escola e se descolavam para o fora: nos espaços da cidade como restaurantes, bares, museus, saraus onde frequentávamos juntos e continuávamos nossas trocas. Quanta aprendizagem nestes momentos de sintonia com os colegas! Quanta conversa boa! Quanta informação importante sobre eventos, livros e autores, experimentos! Algumas vezes conversávamos também sobre experiências de sucesso e fracasso, de contentamento e frustração que marcaram nossas trajetórias. Foram laços de amizade, cumplicidade, solidariedade, tão pertinentes para o nosso processo de aprendizagem e conhecimento! E como a diversão, o humor, a descontração vivida nos intervalos das aulas ajudavam e contribuíam para mais leveza nesta instigante jornada.

Não posso esquecer de citar a interlocução da escola com os diferentes atores da Reforma Sanitária e Reforma Psiquiátrica: os movimentos sociais (Fórum Mineiro de Saúde Mental), às associações e grupos de usuários (ASSUSAM-MG, CULTIVARTE, GAM, AVABRUM), ao Seminário Municipal de Comemoração dos 30 anos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS-BH) e porque não ao VI Encontro Mineiro de Serviços Substituídos em Saúde Mental realizado no município de Guanhães-MG, do qual tive o prazer de participar e encontrar com vários colegas e professores do curso. São encontros e parcerias que penso ser fundamentais para a luta em defesa do SUS e para o fortalecimento do cuidado em liberdade.

Até o momento, percorremos algumas noções conceituais que giram em torno da formação, sobretudo, no que diz respeito à Educação Permanente em Saúde que funciona através de um processo marcado, como vimos, pela pedagogia da problematização, pelo questionamento das normas e valores estabelecidos, pelo protagonismo dos trabalhadores implicados com as questões individuais e coletivas que permeiam o cotidiano dos serviços, pela produção coletiva e horizontal de aprendizagem e de saberes no e pelo trabalho sem subordinação a uma entidade centralizadora e transmissora de ensino. Vimos também como a EPS inspira a ESP-MG em suas ações educacionais possibilitando aos alunos uma experiência vitalizadora. Tais percursos conceituais, e claro, as vivências como aluno da Especialização, que por sinal, provocaram em mim um novo modo de existir no trabalho, remetem-me ao termo

cuidado de si, muito trabalhado pelo filósofo Michel Foucault e que corresponde a um questionamento de si e dos valores estabelecidos feito pelo sujeito possibilitando-lhe o protagonismo do seu destino e modo de vida. Logo, surge a pergunta: Qual a relação possível entre EPS e Cuidado de Si? Nas próximas páginas vou me dedicar ao conceito *cuidado de si* e em seguida relacioná-lo com o de EPS.

4 - Cuidado de Si

No livro ‘A Hermenêutica do Sujeito’ (2006), Michel Foucault vai dizer que o tema do cuidado de si foi tratado como formulação filosófica desde o século V a.C até os séculos IV-V d.C. percorrendo toda a filosofia grega, helenística e romana, assim como a espiritualidade cristã. Segundo ele, podemos ver uma longa história da noção de epiméleia heautoû (cuidado de si mesmo) “*desde o personagem de Sócrates interpelando os jovens para lhes dizer que se ocupem consigo até o ascetismo cristão que dá início à vida ascética com o cuidado de si*”. (FOUCAULT, 2006, p.14).

Inicialmente, a noção de cuidado de si trata-se de um “*ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo*”. Considerado como um momento de despertar, o cuidado de si situa-se “*no momento em que os olhos se abrem, em que se sai do sono e se alcança a luz primeira*”. Além dessa analogia com o despertar, temos também a similaridade com “*um princípio de agitação, de movimento, de permanente inquietude no curso da existência*”. (FOUCAULT, 2006, pp. 4, 11).

Prosseguindo, Michel Foucault associa o cuidado de si a “*um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro*”. Vai dizer também que é “*uma certa forma de atenção, de olhar, e implica que se converta o olhar do exterior, de si, dos outros e do mundo para si mesmo*” para com isso poder estar “*atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento*”. Para além disso, designa “*ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos*”. (FOUCAULT, 2006, p.14).

O cuidado de si vai se tornando, conforme o filósofo, “*cada vez mais uma atividade crítica em relação a si mesmo, ao mundo cultural e à vida dos outros*”, surgindo de uma necessidade frente um estado de ignorância. Mas, para além deste fundo de ignorância, Foucault afirma que a prática de si vai se impor sobre um “*fundo de erros, de maus hábitos, de deformação e de dependência estabelecidas e incrustadas, e que se trata de abalar*”. Essa prática tem mais a ver com uma “*correção-liberação*” do que com uma “*formação-saber*”, e deverá “*corrigir, não formar, ou não apenas formar*”, deverá, principalmente, “*corrigir um mal que já está lá*”. (FOUCAULT, 2006, pp.114, 116).

Em Sêneca (4 a.C. – 65 d.C), filósofo estoico, Michel Foucault encontra uma fórmula que vai ligar o cuidado de si a uma noção de desaprendizagem, assumindo

assim, “a função de um desbaste”, isto é, de uma ruptura “em relação ao ensino recebido, aos hábitos estabelecidos e ao meio”. Em seguida, Michel Foucault vai suspeitar que haja uma certa impossibilidade de constituir hoje essa ética do eu característica ao cuidado de si no período helenístico, porém afirma que, talvez, não há outro ponto de resistência ao poder político tão urgente e fundamental senão na relação de si para consigo. (FOUCAULT, 2006, p.117).

Em ‘Ética, Sexualidade e Política’, Michel Foucault escreveu um capítulo interessante intitulado ‘A Ética do Cuidado de Si como uma Prática da Liberdade’. Nele, considera que a prática de si seria “um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser”. No mundo greco-romano, o cuidado de si constituiu o modo pela qual a liberdade individual ou cívica, até certo ponto, foi pensada como ética. De acordo com Foucault (2012):

“nos gregos e romanos, para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo, para se conhecer, para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo” (...) “na Antiguidade, a ética como prática racional da liberdade girou em torno desse imperativo fundamental: ‘cuida-te de ti mesmo’”. (FOUCAULT, 2012, pp.259, 262).

Ao longo do capítulo, Foucault ainda vai declarar que não seria possível cuidar de si sem o conhecimento de si, conforme o ponto de vista socrático-platônico, mas alerta que esse conhecer-se “é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições”. Cuidar de si, nos diz Foucault, “é se munir dessas verdades e prescrições” sua ética se liga ao jogo da verdade. (FOUCAULT, 2012, p.262).

Na leitura foucaultiana, o cuidado de si é ético em si mesmo, implicando “relações complexas com os outros”, uma vez que, para o pensador francês, “esse êthos da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros”. Porém, frisa que não se deve passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si, pois, “o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação comigo mesmo é ontologicamente primária” (p. 265). A seu ver, o cuidado de si no pensamento grego e romano não condiz com um amor exagerado a si mesmo que viria a negligenciar os

outros ou, pior, com o abuso de poder que se pode exercer sobre eles. Portanto, nesta perspectiva, o *éthos* implica, inclusive, “*uma relação com os outros, já que o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizade*”. (FOUCAULT, 2012, pp.264, 265).

Chegando a esse ponto, perguntamos: qual a relação entre Educação Permanente em Saúde e Cuidado de Si? Qual a relação entre esses dois conceitos? Existe uma convergência entre essas duas práticas? São essas perguntas e indagações que irão mobilizar a discussão em seguida.

5 - Discussão

Conforme vimos, a Educação Permanente em Saúde é uma política de ensino e aprendizagem que difere ao modelo escolar tradicional da Educação Continuada, valorizando e partindo de processos, saberes e questões próprias dos trabalhadores e/ou estudantes. É uma prática movida pelo trabalho, ou seja, impulsionada pelas adversidades, pelos desconfortos, pela desacomodação vivenciadas pelos trabalhadores no cotidiano do trabalho e que se desenvolve através de encontros, de trocas e diálogos, contágios e afetações.

Nesse sentido, Michel Foucault revela-nos que o *cuidado de si* é um ocupar-se consigo mesmo também mobilizado por um princípio de agitação e inquietude no curso da existência que vai propiciar um outro modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. Porém, esse movimento só é possível na medida em que o sujeito se desperta, converte o olhar para si mesmo para se atentar ao que se pensa e ao que se passa no pensamento.

Assim ocorre na EPS, processo no qual os trabalhadores imergem para interrogarem a si mesmos no agir produtor do cuidado, olharem para si num contexto de trocas de ideias e por fim, colocarem em análise as próprias implicações se conscientizando sobre as reais necessidades de formação e ações que condizem, concretamente, com as demandas dos usuários.

O que se pretende com a EPS é provocar os trabalhadores a reavaliarem normas, regras e formas de cuidado, configurando-se como um espaço de invenção, reflexão coletiva e intercessão de saberes que possibilitam a produção de novas formas de vida/trabalho. Vista como um ato coletivo e implicado a serviço da produção de mais vida individual e coletiva, a EPS se torna um dispositivo de desconstrução e construção, de desmontagens e montagens de outros modos de cuidar/existir, o que contribui para uma perturbação e ruptura das amarras do instituído do trabalho. Michel Foucault vai nos mostrar que o Cuidado de Si é um modo de conhecimento sobre regras de conduta e princípios que, segundo ele, são verdades e prescrições sobre o viver. Munindo dessas verdades e prescrições, o sujeito assume uma atividade crítica em relação a si mesmo, ao mundo cultural e à vida dos outros, praticando ações que os modifica, transforma e transfigura.

Essa atividade crítica tão peculiar nos processos de EPS e nos exercícios do Cuidado de Si torna as duas experiências em potentes ferramentas de ruptura e

subversão aos modelos instituídos que estruturam os serviços e as subjetividades. Se na EPS encontramos a crítica às maneiras vigentes de pensar e de fazer, bem como uma resistência à lógica da compra de produtos e procedimentos educacionais prescritivos em prol da autonomia e protagonismo dos trabalhadores, no Cuidado de Si, deparamos igualmente com a função de um desbaste em relação ao ensino recebido, aos hábitos estabelecidos e ao meio, suscitando uma espécie de “desaprendizagem” investida pelo sujeito a fim de superar a si mesmo e aos modos de existir hegemônicos. Ambas experiências, portanto, convergem como fundamentos para a prática da liberdade no trabalho, na vida, pois promovem nos sujeitos a condição para a criação de si mesmos ao ponto de ultrapassarem a mera reprodução de regras e condutas para um jeito de viver, pensar, sentir e agir ativo, autêntico e singular.

Não seria essa singularização aquilo que nos faz sentir vivos e consequentemente implicados com os processos de vida e de trabalho? Não seria essa singularização possibilitada pela EPS e Cuidado de Si um meio de nos proteger contra o desânimo e a desesperança? Em algumas situações do trabalho nos pegamos reproduzindo a lógica manicomial na relação com os usuários, com os colegas, com a instituição? O modelo asilar e biomédico, com suas tendências ao isolamento, à medicamentação e normatização da vida são forças dominantes que nos cercam por todos os lados, seja na mídia, na cultura, no mercado, na esquina. É um desafio resistir, inventar outros modos de pensar, fazer e cuidar que não se deixam capturar por esses modelos emanados pelo saber-poder. Daí a importância de nós, trabalhadores do SUS, assumirmos o protagonismo dos processos de trabalho que, por sua vez, pode ser assegurado pela EPS e Cuidado de Si intrínseco aos seus movimentos.

Michel Foucault ressalta que, para cuidar dos outros, primeiro é necessário cuidar de si. Propor um cuidado em liberdade nos serviços suscita em nós a tarefa de também nos cuidarmos e vivermos em liberdade. Isto significa que desmontar a lógica manicomial não se reduz a fechar os manicômios e nem implantar serviços substitutivos no território. Devemos, sobretudo, abdicar os “*manicômios mentais*” que, segundo PELBART (1989, p.137), referem “*àquele cantinho privado e secreto de nosso psiquismo chamado ‘nossas fantasias’*” onde confinamos a loucura e a diferença através dos mecanismos de controle cada vez mais sutis, porém, complexos e avassaladores.

No que concerne ao combate às forças instituídas preconizadas pelo saber-poder, já vimos que, tanto na EPS quanto no Cuidado de Si, encontramos essa pedagogia da problematização, da crítica e desconstrução dos valores estabelecidos para a abertura de

modos livres de pensar, fazer e existir. No cotidiano do trabalho os movimentos de EPS podem contribuir para que os trabalhadores assumam uma postura crítica e inventiva capaz de diluir a lógica manicomial em suas novas configurações na contemporaneidade. Implicados na EPS, aprendendo e ensinando uns aos outros em meio aos processos de trabalho, a tendência são os trabalhadores, inevitável e simultaneamente, analisarem a si mesmos, ou seja, confrontarem o próprio modo pessoal e subjetivo de trabalhar/cuidar, lançando um olhar para si mesmos afins de localizar e desfazer em suas subjetividades tudo aquilo que colabora para os silenciamentos e aprisionamentos dos corpos, dos afetos e dos desejos. Nesse sentido, podemos afirmar que a EPS e Cuidado de Si são atividades convergentes e intrínsecas uma da outra que promovem mudanças e transfigurações no âmbito individual, coletivo e organizacional.

6 - Considerações finais

Conclui-se que os processos de EPS podem incentivar o trabalhador a exercitar o Cuidado de Si considerando que em ambas as experiências o sujeito é provocado a questionar os valores estabelecidos que norteiam a sua subjetividade e a vida, incluindo aqui, o trabalho. Diferente da Educação Continuada, que estabelece a priori quais saberes e conhecimentos são necessários para aplicar à realidade, o Cuidado de Si e a EPS são movidos a partir dos próprios sujeitos-trabalhadores que colocam em questão verdades, normas, hábitos, práticas instituídas, para em seguida, produzir novas verdades, novas normas, novos hábitos e práticas.

Através da minha experiência como aluno na especialização “Políticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial” da ESP-MG, uma escola do SUS que tem a EPS como um orientador político pedagógico de suas ações educacionais, tive a oportunidade não apenas de compartilhar e atualizar meus conhecimentos, mas também, experimentar novos afetos, desejos e fazeres em minha atuação no campo da Saúde Mental. Essas descobertas e afetações vividas durante as aulas e demais encontros com professores e colegas, até mesmo fora da instituição, propiciaram-me movimentos de revitalização e porque não de resistência a tudo aquilo que estava enrijecendo, aprisionando e mortificando a minha relação comigo mesmo e com o trabalho. Aqui, resistir implica em (r)existir, ou seja, em se reinventar, se transformar, se reconfigurar como sujeito e como coletivo frente às problemáticas da existência/trabalho.

Sabemos que o cotidiano dos serviços de Saúde Mental é constantemente atravessado pelas investidas do poder biomédico e sua lógica da ambulatorização, da patologização e medicamentação da vida, empreendimento inclusive recorrente em tempos de política neoliberal. Existe também a precarização e sucateamento do trabalho, a escassez de recursos humanos e materiais que, por sua vez, sobrecarregam trabalhadores, engessam ações e desencadeia um cuidado limitado e superficial aos usuários. Para piorar, a situação dificulta momentos de pausa e respiro dos profissionais que acabam não encontrando meios para pensar e refletir sobre si mesmos e sobre os processos de trabalho. Se não conseguimos dar sentido à nossa vida e às nossas práticas do dia a dia ficamos vulneráveis, desapropriados das nossas próprias potências e capacidades, restando o desânimo, a fatalidade, o cansaço, a alienação e a mera reprodução dos movimentos e estruturas estabelecidas.

Precisamos como nunca desses momentos de pausa, de partilha dos afetos e do pensamento para acessarmos nossas experiências. A pressa, a velocidade, o imediatismo e o consumo desenfreado são características de um modo de viver e de relacionar contemporâneo que refletem no funcionamento e organização dos serviços de saúde mental do SUS, impedindo e distanciando os trabalhadores de suas próprias experiências. Esse descompasso inibe os profissionais a refletirem sobre si mesmos e os próprios processos de trabalho gerando prejuízos tanto para os usuários, atendidos superficialmente, quanto para os trabalhadores, cansados física e mentalmente em decorrência da sobrecarga de trabalho, da ânsia por resultados rápidos e da impossibilidade de exercerem suas ações de forma mais autêntica e significativa, levando-os à frustração, ao desgaste e ao adoecimento.

A Educação Permanente em Saúde (EPS) atrelada ao conceito do Cuidado de Si em Foucault pode servir de resistência ao instituído e oferecer caminhos potentes para a criação de novas maneiras de ser e fazer o cuidado. Ao favorecer a reflexão crítica e a invenção de novas práticas, os processos de EPS aliados ao Cuidado de Si visto como ética da liberdade na perspectiva foucaultiana, pode ser uma alternativa para as equipes contra a passividade e o esgotamento.

Corroborando esse potencial crítico e transformador, ressalto que o estímulo e apoio por parte dos trabalhadores e gestores aos processos de Educação Permanente em Saúde e de Cuidado de Si é de suma importância. Precisamos fazer valer a política de Educação Permanente em Saúde no cenário da saúde pública, pilar fundamental para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), da Reforma Psiquiátrica e da Rede de Atenção Psicossocial.

Referências Bibliográficas

1. BAREMBLITT, G. Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática. Belo Horizonte: Editora Instituto Félix Guattari; 1992.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Portaria nº 1.996, de 20 de agosto de 2007. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2007/prt1996_20_08_2007.html
3. CAVALCANTI, F.O.L; GUIZARDI, F.L. Educação Continuada ou Permanente em Saúde? Análise da produção Pan-Americana da Saúde. Trabalho, Educação e Saúde, vol. 16, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/xYKgpBn66KMdGT5B8HtWfKs/abstract/?lang=pt>
4. CECCIM, R.B. Educação Permanente em Saúde: descentralização e disseminação de capacidade pedagógica na saúde. Ciência & Saúde Coletiva 10, 975-986, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/cbxpHx6Lv8qgqvwtBsghwjD/abstract/?lang=pt>
5. CECCIM, R.B.; FERLA, A.A. Educação Permanente em Saúde. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/edupersau.html>
6. FEUERWERKER, L.C.M. Micropolítica e Saúde: produção do cuidado, gestão e formação. Coleção Micropolítica do Trabalho e do Cuidado em Saúde. Editora Rede UNIDA. 1ª Edição. Porto Alegre, 2014. Disponível em: https://www.saude.sp.gov.br/resources/humanizacao/biblioteca/dissertacoes-e-teses/micropolitica_e_saude_laura_camargo.pdf
7. FIGUEIREDO, E.B. et al. Educação Permanente em Saúde: uma política interprofissional e afetiva. Saúde Debate/Rio de Janeiro. V.46. N 135, p.1164-1173, Out-Dez 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/sRPvgtfL8KzJM7R8NsVsrnw/>
8. FOUCAULT, M. A Hermenêutica do Sujeito. São Paulo: Martins Fontes; 2006.

9. FOUCAULT, M. *Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2012.
10. HECKERT, A.L.C.; NEVES, C.A.B. Modos de formar e modos de intervir: quando a formação se faz potência de produção do coletivo. In: PINHEIRO, R.; BARROS, M. E. B.; MATTOS, R. (Orgs.). *Trabalho em equipe sob o eixo da integralidade: valores, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ/CEPESC/ABRASCO, 2007. p. 145-160. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/texto78.pdf>
11. PELBART, P.P. Manicômio Mental: a outra face da clausura. In: LANCETTI, A. (Org.). *Saúdeloucura 2*. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 130-8.
12. REZIO, L.A.; CONCIANI, M.E.; QUEIROZ, M.A. O processo de facilitação de Educação Permanente em Saúde para formação em saúde mental na Atenção Primária à Saúde. *Interface (Botucatu)*; 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/tTrmWMnvcgfWQnMTgBrwwnK/>